

## OCUPAÇÃO

## A cena mangue

## Continuação da capa

O movimento manguebeat estourou com o lançamento do disco "Da Lama ao Caos", de Chico Science e Nação Zumbi, em 1994. De lá para cá, o movimento se consolidou ao usar as referências de Recife e as misturas em um liquidificador pop que reverberava em várias frentes. Grafite, moda, artes visuais, audiovisual e, principalmente, música transformaram-se na maior forma de expressão de grupos e artistas como Mundo Livre S/A, DJ Dolores, Otto, Mestre Ambrósio e nomes mais recentes da cena, como Mombojó e Cordel do Fogo Encantado, que encerrou suas atividades recentemente.

Hoje, passados mais de 10 anos da morte de Chico Science, em um infeliz acidente de carro, o cenário que serviu de berço para o nascimento do movimento não é mais o mesmo. Mas o manguebeat se tornou Patrimônio Cultural Imaterial de Pernambuco, reforçando a importância de um estilo musical que atravessou as fronteiras de Pernambuco e alçou até voos internacionais. A Ocupação Chico Science é mais um exemplo dessa riqueza cultural.

Mas essa não é a primeira vez que Chico Science ganha uma exposição. "A Prefeitura de Recife já criou o Memorial Chico Science", conta Paulo André, amigo e produtor do artista. "Lá tem uma linha do tempo e algumas fotos, CDs que a galera do

manguebeat gravou, mas não tem alma, não tem atividades acontecendo. É mais um espaço institucional", lamenta. "Acho uma iniciativa válida, mas não é à altura de Chico".

## Independentes

Para Paulo André, a magnitude da Ocupação Chico Science é outra e dá o devido valor a um dos raros artistas brasileiros que tiveram seus trabalhos lançados na Europa, Estados Unidos e Japão, antes mesmo do sucesso no Brasil chegar. "O Chico lançou apenas dois discos. Foi uma história curta, mas muito intensa e que gerou muito conteúdo. Éramos colegas de gravadora do Skank e do Gabriel, Pensador, que estavam lançando discos, tocando nas rádios, fazendo shows. O Chico Science e a Nação Zumbi foi comendo pelas beiradas, saiu primeiro para o exterior e fez sucesso na 'gringa', detalha o produtor, que hoje continua à frente de um dos maiores festivais independentes do País, o Abril Pro Rock.

Um festival que apostou na cena local e deu espaço para novos nomes que estavam surgindo e não tinham onde se apresentar. "O surgimento da cena e o Abril Pro Rock estão interligados", acredita Paulo André. "O festival apostou na renovação da cena e nessas bandas antes mesmo delas terem gravadoras. Foi um evento histórico que deu a primeira oportunidade para os novos nomes dos anos 1990



NA ENTRADA da exposição, um exemplar de um Landau recebe os visitantes e dá início a uma pequena viagem ao universo do manguebeat e das referências visuais e musicais de Chico Science

### \* O manguebeat é hoje Patrimônio Cultural Imaterial de Pernambuco, um modo de reconhecimento

se apresentarem no Nordeste: Raimundos, Planet Hemp, Pato Fu, Skank, O Rappa etc.", cita.

Alguns desses nomes sobreviveram, outros deixaram o mundo independente de lado e viraram "mainstream". O Abril Pro Rock manteve-se fiel às suas origens, ainda que tenha ampliado seus horizontes. "Não fomos feitos para virar um Ceará Music ou um Festival de Verão de Salvador. Hoje em dia, não faz mais sentido para nós chamar um Skank para tocar no evento. Não retrocedemos", reflete Paulo André. "Daí apostamos em bandas latinas, nomes europeus alternativos. Entendemos que o festival virou um palco para nomes experimentais".

O Abril Pro Rock mudou, as rádios e o mercado fonográfico mudaram, a forma como as pessoas consomem música também se transformou. E a própria cidade do Recife não é mais a mesma. "Atualmente, vivemos o dilema: mudar de cidade ou mudar a cidade?", ressaltou Paulo André. "Parece que, hoje, Recife não é mais a cidade onde tudo isso aconteceu. Hoje existe a Recife da vanguarda e a Recife do atraso. Hoje, somos contracultura na nossa própria terra e lutamos para que a população escute nossa própria música".

## Para família

Se a Ocupação Chico Science traz toda uma bagagem de contexto do surgimento do movimento manguebeat e da rápida ascensão do principal nome do movimento, seu lado pessoal também é contemplado pela exposição. Para que isso acontecesse, a família de Chico teve parti-

## FRASES

“O Chico teve uma história curta, mas intensa, e que gerou muito conteúdo”

PAULO ANDRÉ  
Produtor do Abril Pro Rock

“Hoje quem é influenciado pelo trabalho de Chico, pode nem se dar conta disso”

MARIA GORETTI DE FRANÇA  
Irmã de Chico Science

cipação fundamental. “De pronto acolhemos a ideia e participamos da curadoria ‘abrindo a casa’ e expondo materiais, indicando pessoas para contribuir, esclarecendo dúvidas”, explica a irmã de Chico Science, Maria Goretti de França.

Goretti esteve presente na concepção da exposição desde seu início. “Indiquei objetos, textos, pessoas que se harmonizavam com o conceito do que a equipe técnica do Itaú foi construindo”, revela. “Sempre tratei os objetos materiais que expressam o ser e as ideias de Chico. O seu trabalho, o seu modo de criar”, afirma.

“Os objetos foram ‘cedidos’ por empréstimo para que outras pessoas, novas gerações, possam se aproximar dele em um primeiro contato ou, para quem

o conheceu, revisitá-lo. E até poder vê-lo de outro ângulo, outro lugar”. Para Goretti, uma pessoa, viva ou morta, jamais se mostra por inteiro. “A exposição não dá conta da totalidade do artista e nem da pessoa de Chico, mas favorece uma aproximação e cada um constrói neste espaço a sua própria relação com ele”, anima-se.

Além do lado artístico de Chico Science, Goretti acredita que seu lado pessoal está também contemplado. “Um olhar mais cuidadoso vai vê-lo em fotos, depoimentos da família, de amigos mais íntimos, nos seus cadernos, e até mesmo em sua forma de produzir e de ser. Os depoimentos de quem viveu com ele falam muito de sua pessoa, basta passar uma tarde no espaço e escutá-los...”

Sobre as influências que Chico ainda exerce até hoje, Goretti de França é categórica. “Não concordo que a sua influência musical se dê diretamente sobre a cena alternativa do Recife, apenas. Muitos depoimentos de artistas do eixo Sul-Sudeste citam a influência da estética de Chico em seus trabalhos, como Seu Jorge e Pedro Luís”, exemplifica. “Acho que nos diversos campos do conhecimento influenciados e somos influenciados, gerações agora, muitas vezes sem se dar conta desse processo de troca. Hoje quem é influenciado pelo trabalho de Chico pode até nem se dar conta disso”, finaliza a irmã. (FF) □

## COMENTE

caderno3@diariodonordeste.com.br

## Conheça os Novos Colunistas do Caderno 3, que vão deixar ainda mais interessante o seu Diário do Nordeste



## Isabel Lustosa

Sobralense, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, Doutora pela UFRJ, Isabel vai estar presente no Diário do Nordeste aos sábados trazendo reflexões sobre a história do Ceará e do Brasil, não apenas no passado, mas abordando também o nosso cotidiano.

## Lira Neto

Jornalista e escritor especializado em biografias, foi agraciado com o Jabuti de Literatura em 2007. Curso Filosofia, Letras e Jornalismo. Foi um dos maiores nomes da chamada "Poesia Marginal" cearense nos anos 80. Às sextas, Lira Neto vai trazer crônicas sobre suas lembranças de Fortaleza e a atual experiência em São Paulo, onde reside.



O GRAFITE E A cidade de Recife também marcam presença na Ocupação Chico Science, mostrando um pouco das influências que contribuíram para o trabalho do cantor e compositor pernambucano